

# É tudo fogo de palha



CARLOS DE SOUZA



Sebo Vermelho  
edições

**Ahab** | Ahab Editora

CARLOS DE SOUZA

É tudo fogo de palha <sup>3</sup> *o bonuco*  
*teatro*

*Lo Alpes, folião, o-zum,*  
*outros*

**Ahab** | Ahab Editora

Copyright © 2006 by Ahab Editora

**Editor**

Abimael Silva e Carlos de Souza

**Design**

Eneas Peixoto

**Revisão**

Alex de Souza

**Capa**

Studio H

**Coordenação Gráfica**

Antônio Mariano da Silva

**Impressão**

Nordeste Gráfica

*ISBN e Ficha Catalográfica em andamento*

**Editora Ahab**

fcarlosdesouza@digizap.com.br

Rua Baía de Serinhaem 2313, Ponta Negra - Natal/RN - CEP 59092-180

**Sebo Vermelho**

Av. Rio Branco 705, Centro - Natal/RN - CEP 59.025-002

Fone: 9401.9008

**É tudo fogo de palha:** Espetáculo em três atos sobre o nascimento do teatro em Natal, Rio Grande do Norte.

**PERSONAGENS**

MARIA

JOSÉ

MATIAS CARLOS

PEDRO

ANTÔNIO

JOÃO

VELHO FACETA

ALFERES ROLIM

DOM MANUEL

SOLDADO 1

SOLDADO 2

ATO 1 - 5 cenas, até a página 38

CENA 1

- o início de  
Constantin  
teatro



Entra o Velho Faceta ao som em Natal

de música folclórica. Cenário mostra Natal com suas igrejas e casario antigo. - o início de 2010

**Velho Faceta** - (Silêncio) *Senhoras e Senhores, peço licença para apresentar esta noite uma farsa que vai viajar no tempo e no espaço (matérias pertencentes ao Senhor Soberano do Universo). Peço permissão para contar uma singela história de amor a este ofício que acompanha a humanidade desde que os homens abriram os olhos, falaram, caminharam e descobriram que sabiam dançar.*

(Pausa)

*Aqui, a verdade histórica não tem importância. Aqui a mistura de ficção e realidade, datas, fatos e nomes apenas serve para mostrar que a beleza é o absoluto. Por isso chamamos a esta função de farsa. - o gênero religioso*

(Sobe o som da fanfarra e depois silêncio)

*Natal era uma cidade pequenina como o berço do Menino Jesus. Do alto da torre da Matriz podia-se ver o encon-*

tro do rio com o mar e ao longe uma estrela em forma de Forte. A estrela que guiou os Três Reis Magos. Aos domingos ia-se à Missa e voltava-se para casa na certeza de que comera um bom pedaço de Deus. Com muita sorte, em dia de festa podia-se assistir a espetáculos populares. Como a uma Cavahada!

Passa um grupo representando a Cavahada.

**Velho Faceta** - *Ou então a uma boa Comédia.*

Passa um grupo de palhaços fazendo farra.

**Velho Faceta** - *Era bonito ver a Dança de Corda.*

Passa um grupo executando a Dança de Corda.

**Velho Faceta** - *Ou então a uma Farsa de Máscaras.*

Passa um grupo de mascarados trocando pilhérias e provocando a platéia.

**Velho Faceta** - *Nos dias de São Bartolomeu e*

*Quaresma o terror tomava conta da cidade. Eram os dias das procissões teatrais da Santa Madre Igreja.*

Passa um grupo representando uma procissão medieval, encabeçada pela Morte, com encapuzados de preto armados de chicotes fazendo penitências e espantando o Demônio que perseguia encapuzados de branco representando as Almas. No meio, um penitente arrastando uma cruz.

**Velho Faceta** - *Mas, quando chegava o Natal, todos corriam para ver o Nascimento do Menino Jesus.*

Passa um grupo representando o Presépio.

**Velho Faceta** - *Depois do ato religioso era hora de ir ver o nosso belo, alegre, eterno Pastoril.*

Passa um grupo representando o Pastoril.

**Velho Faceta** - *Tudo isso acontecia em dias de festa. Mas nos dias comuns não havia divertimento na cidade. Ainda não tínhamos o costume de ir à praia. Então um grupo de jovens decidiu mudar o rumo dos acontecimentos. É assim que começa*

nossa história.

Sai o Velho Faceta. Entram os atores João, José, Pedro, Antônio e Maria.

**João** - Natal é uma cidade muito triste. Nunca tem nada pra gente fazer. Nada para assistir aos domingos. A gente fica andando à toa, olhando as pessoas que passam, fuxicando...

**José** - Tem a Missa.

**Pedro** - Isto não é diversão. É obrigação católica, fervor religioso, purificação da alma.

**Antônio** - Mas passa o tempo e parece teatro, né? É sempre a mesma coisa, mas não parece teatro?

**Maria** - Liturgia é teatralização da fé, mas a finalidade nunca é divertir, seus bananas. Precisamos pensar em alguma coisa que tire a gente desse tédio.

**João** - Pensar em quê, mulher, em quê?

**Maria** - Precisamos fazer alguma coisa. Algo que tire a gente desse marasmo. Que nos garanta uma boa ocupação. Mas que também dê algum prazer.

**Pedro** - Qual o trabalho que pode trazer algum prazer, Maria, ficou louca?

**Maria** - Há um trabalho, sim, que dá muito prazer e, ao mesmo tempo em que diverte, constrói um novo ser humano. O trabalho dos artistas, das pessoas que fazem teatro, circo, música, dança. Artistas não têm tédio. Vamos fazer um teatro!

**Antônio** - Teatro? Mas, com que dinheiro, Maria? Você sabe que nós somos pobres.

**Maria** - Não sei. Mas de algum forma eu sinto que nós podemos fazer isso. Veja como o povo faz suas festas, suas brincadeiras, suas danças. E tudo isso, não parece teatro?

**Pedro** - É, parece teatro mesmo. Aliás vejo teatro em quase tudo. A vida toda parece uma grande farsa, não acham? Mas, se a gente fosse fazer mesmo teatro, onde

iríamos montá-lo? Em que lugar?

*Amex-o* **Maria** - Naquele terreno ali da Rua Gonçalves Ledo. Nunca apareceu um dono. Tem bastante espaço até para montar um circo. A gente consegue pedaços de lona e vai costurando, costurando...

**José** - Não, espere, tive uma idéia!

**Todos** - (Silêncio).

**José** - (Cantarola Ranchinho de Paia).

**Todos** - (Surpresa geral).

**Pedro** - O que isso tem a ver, José? Pelo amor de Deus. Todo mundo sabe que você é um bom cantor. Deixa de ser exibido.

**José** - Não, não, minha gente. Vejam, os pescadores, eles não têm dinheiro algum, como a gente. Mas eles constróem suas casinhas de palha na beira da praia. E são como palácios, cheios de alegria e felicidade. À custa de muito suor

e sofrimento, é claro, mas não é assim que se conquista a felicidade? Vamos construir um barracão de palha. Se existe uma coisa que nós temos em quantidade aqui em Natal é coqueiro, não é? É só a gente ter vontade e juntar nossa força. Então faremos um bom teatro.

**João** - Grande José! Isso é que é idéia. Podemos ir na praia pegar umas palhas de coqueiro. Na casa de Pedro tem muita vara e pé de pau, bons para fazer a estrutura... Vai ser moleza.

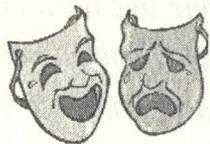
**Pedro** - Eu tenho muito cipó bom para fazer as amarrações, lá em casa.

**Antônio** - Eu tenho a idéia de um teatro em forma de círculo, sabem? Eu vi na biblioteca o desenho do Teatro Globo, da companhia de Shakespeare. Aquele que foi queimado e depois reconstruído inteirinho, sabem?

**Pedro** - Lá vem ele, com suas maluquices...

**Maria** - Vou juntar muitos panos e bordados pra gente fazer o figurino. Vai ficar muito bonito.

Saem cantando e dançando.



## CENA 2

João, José, Antônio, Pedro e Maria trabalham na construção do barracão de palha.

*Ret*  
**Maria** - Estive lendo umas coisas, sabe? Tem muito texto bom de teatro português e brasileiro que a gente pode montar. Muito drama, muita comédia. E a gente pode fazer uma adaptação, criar umas histórias a partir da sabedoria popular, dos cordéis... Mas meu sonho era a gente um dia fazer Shakespeare.

**Antônio** - Está louca, Maria. Isso é difícil demais.

**Maria** - Nada é difícil demais quando se tem vontade, meu caro.

**João** - Vamos adaptar umas coisas. Pedimos a ajuda de Lourival Açucena. Nosso poeta tem muita vontade de fazer

teatro. Ele pode nos ajudar.

**Pedro** - Talvez ele não queira.

**José** - Deixa de ser pessimista Pedro. A gente convide, se ele não aceitar, não perdemos nada, só a saliva. Mas olha, eu tenho negócio chato para contar a vocês.

**Todos** - (Silêncio).

**José** - Ouvi dizer que nós temos que pedir permissão para construir o teatro.

**Antônio** - Permissão? Permissão a quem? O terreno não tem dono. Ninguém liga para nada aqui em Natal, a não ser que você tenha um bom fuxico para contar.

*Permissão*  
**José** - E você não sabe que aqui o sujeito gasta 200 para você não ganhar 20? Isso é uma fazenda iluminada a gás, gente. Temos que pedir permissão ao presidente da Província, Dom Manuel, que é o todo-poderoso nessa cidade.

**João** - E a se a gente não pedir e construir na surdina?

**José** - Talvez Dom Manuel jogue a polícia em cima da gente. E você sabe quem é o cavalo do cão que vai morder nosso calcanhar? O Alferes Rolim.

**Antônio** - Vixe, Nossa Senhora.

**José** - Ele mesmo. Então temos que tomar cuidado.

**Maria** - Calma, gente. Vamos fazer a coisa direito. Primeiro a gente termina o trabalho aqui. Depois vamos lá no Palácio e pedimos uma audiência. Tenho certeza que seremos bem atendidos.

**Pedro** - Isso não vai dar certo.

**João** - Pedro, você é um homem de pouca fé. Precisa acreditar mais nas coisas, rapaz. É, gente, não vamos nos apavorar. Mas acho que não estamos preparados para uma audiência com Dom Manuel. Olhem para nós. Não temos nem uma roupa decente para isso. Vamos ficar gaguejando lá sem saber o que dizer. Precisamos de alguém melhor.

**José** - João tem razão. Precisamos de uma pessoa

mais preparada para isso.

**Maria** - Eu conheço uma pessoa assim.

**Todos** - (Silêncio).

**Maria** - É Matias Carlos. Ele me procurou para saber se a gente estava organizando um teatro e se ofereceu para ajudar. É diferente de nós, um advogado que sabe circular entre os ricos, mas é um sujeito muito bom.

**José** - Então, vamos convidá-lo para ser nosso presidente.

**Pedro** - Presidente de quê, homem? Isso aqui não é nenhum país.

**José** - Vamos fundar uma sociedade, Pedro. E ele será nosso presidente. É assim que se faz as coisas. Quem está de acordo?

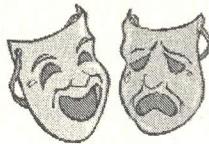
**Todos** - (Levantam a mão).

**Maria** - Então vou ali chamar Matias Carlos e já volto para a gente selar nossa sociedade.

Sai e volta com Matias Carlos pela mão.

**José** - Agora nós somos um verdadeiro grupo de teatro. Unidos para sempre em nosso sonho. Juntos mostraremos ao mundo toda a beleza de nosso Teatro de Palha. O primeiro é único na história potiguar. Vamos comemorar, beber, cantar e dançar até o sol raiar.

Todos saem aplaudindo e abraçando José.



### CENA 3

*Assim como D. Manuel*

Gabinete do presidente da província. Dom Manuel está sentado ao centro em sua mesa, ladeado por dois soldados e o Alferes Rolim.

**Dom Manuel** - O que temos para hoje, meu caro

Alferes Rolim?

**Alferes Rolim** - Um representante de um grupo de atores pede audiência com vossa excelência, Dom Manuel.

**Dom Manuel** - Atores? O que eles querem?

**Alferes Rolim** - Não informaram, excelência.

**Dom Manuel** - Como não informaram? A sua função é saber o que querem falar comigo.

**Alferes Rolim** - Sim, excelência, perdoe minha falha.

**Dom Manuel** - Mande entrar o representante dos atores.

Entra Matias Carlos.

**Dom Manuel** - Então o senhor é o representante de um grupo de atores? Como se chama este grupo?

**Matias Carlos** - Sociedade do Teatro Natalense.

**Dom Manuel** - *E o que é que vocês pretendem fazer?*

**Matias Carlos** - *Vimos pedir permissão para construir um teatro na Cidade Alta, ali na Rua Gonçalves Ledo.*

**Dom Manuel** - *Hum, teatro não é? (Para Rolim) Isso é novidade por aqui. É coisa educativa? Para pregar a moral e os bons costumes?*

**Matias Carlos** - *Uma distração proveitosa para nosso povo, excelência.*

**Dom Manuel** - *E como será este teatro?*

**Matias Carlos** - *Será um barracão de palha, excelência, pois temos poucos recursos Mas os espetáculos serão de qualidade. Vamos mostrar dramas antigos, comédias francesas, espetáculos de mímica e pantomima. Tudo para a diversão e a cultura do povo.*

**Dom Manuel** - *Vou mandar uma inspeção no local. O Alferes Rolim vai me garantir que isto não será um antro de vagabundos. Depois mando expedir o alvará e*

*vocês já podem ir providenciando a escritura do terreno. Quero tudo direitinho, dentro da lei.*

**Matias Carlos** - *Em nome dos atores, eu agradeço, excelência.*

**Dom Manuel** - *Tome as providências, Alferes Rolim.*

**Alferes Rolim** - *Pode contar comigo, excelência.*

**Matias Carlos** - *Vossa excelência é nosso convidado de honra para a primeira apresentação no próximo domingo.*

**Dom Manuel** - *Lá estarei para conferir a função. Trate de fazer um camarote para as autoridades.*

**Matias Carlos** - *Assim será feito. Muito obrigado, excelência, que Deus vos guarde.*

Sai Matias Carlos.

**Dom Manuel** - *Uma diversão popular... É tudo que preciso agora, Rolim, para manter meu povo apazigua-*

do, viu? As coisas estão ficando muito difíceis. Há muita revolta no ar. Veja que há esses dois grupos políticos: Os Nortistas e os Sulistas, vivem fazendo ameaças de morte, falando em sedição, golpe de Estado... Não quero tumulto na minha Província. Um teatro chega em boa hora para acalmar os ânimos. Quero que isso seja feito logo, Rolim.

**Alferes Rolim** - Pode deixar, excelência. Vou acompanhar a construção deste teatro. Vou garantir que tudo seja feito conforme a sua vontade.

**Dom Manuel** - O povo precisa de pão e circo, Rolim. Veja o exemplo dos romanos. Não se pode deixar o populacho sem diversão. Se não eles metem a cara na cachaça e acabam se esfaqueando por pouco mais ou nada. O divertimento pode servir também para garantir a ordem.

**Alferes Rolim** - Tenho medo de tudo isso terminar em bagunça, sabe excelência? Esse negócio de homens misturados com mulheres, homens vestindo roupas de mulheres, mulheres vestindo roupas de homens. Isso acaba em putaria.

**Dom Manuel** - É por isso que conto com você,

Rolim. Para garantir a ordem. Quero esses atores bem vigiados, compreende?

**Alferes Rolim** - Sim, excelência. Vou ficar só cubando eles. Não vou dar um minuto de folga.

**Dom Manuel** - Ô homem sisudo! Faça isso, mas com moderação. Não quero saber de abusos. Rolim, me diga uma coisa: Alguma vez você já deu uma risada?

**Alferes Rolim** - Que é isso, Dom Manuel. Nunca! Sou um homem sério. E eu sou lá de sair por aí dando risadas. Meu negócio é seco que nem botão. Cochilou o cachimbo cai. Comigo não tem nhénhém, não tem reza nem choro baixo.

**Dom Manuel** - Pois então, vá preparado para ver o que esses atores vão aprontar, Rolim. Observe se tem sacanagem no meio. Qualquer deslize, baixe o rêio.

**Alferes Rolim** - Pode deixar comigo, excelência. Esses cabras vão ver quem é macho aqui.

**Dom Manuel** - Já está na hora do almoço. A cozinheira fez uma rabada de lascar o cano. Você divide comigo, Rolim?

**Alferes Rolim** - Ave Maria, excelência. Só se for com farinha.

**Dom Manuel** - Vamos embora, cabra bom. Mas não venha com intimidade.

**Alferes Rolim** - Sim, sinhô, sim, sinhô.

Saem e ficam os dois soldados.

**Soldado 1** - Dizem que esse Alferes Rolim rasga o cu de tanto rir quando está metido nos cabarés com as putas.

**Soldado 2** - E dizem que ele ri muito quando está torturando alguém.

**Soldado 1** - Isso é a imagem do cão.

**Soldado 2** - O cão chupando manga.

**Soldado 1** - Coisa ruim.

**Soldado 2** - Bexiga lixa.

**Soldado 1** - Galado.

**Soldado 2** - Tinhoso.



#### CENA 4

Atores no barracão de palha preparam o ensaio para a primeira apresentação.

**João** - Estive com Lourival Açucena e ele mandou uma peça linda para a gente montar. É sobre um pescador dividido entre seu amor e a labuta no mar.

**Maria** - Um pescador que vai para o mar e fica com saudades de sua amada?

**João** - É.

**José** - Menino, então vamos usar aquela canção de Othoniel Menezes e Eduardo Medeiros... Aquela que fala do mar.

**Antônio** - Essa canção jamais será esquecida.

**Pedro** - Como é que você sabe, é profeta?

**Antônio** - Eu vi num sonho.

**Pedro** - Está é ficando doido.

**Maria** - (Para José) Esses dois não param de arengar. Enquanto isso, nós dois... (Canta Praieira).

**José** - Maria, que coisa linda você cantou agora.

**Maria** - Foi só para você.

**José** - (Para os outros) Vamos, gente, vamos nos inspirar em Maria para fazer um bom ensaio hoje. Vamos começar.

Entra o Alferes Rolim com dois soldados.

**Alferes Rolim** - Bom dia.

**Todos** - Bom dia, seu Alferes.

**Alferes Rolim** - Quer dizer então que vocês vão cantar e dançar para o povo assistir?

**Todos** - Sim, senhor, vamos sim.

**Alferes Rolim** - Vocês não têm vergonha, não? Um bando de rapaz forte, aí, podendo estar trabalhando, ajudando a família, né?

**José** - Isso é trabalho, seu Alferes.

**Alferes Rolim** - Cale a boca, cabra! Quando estou falando, frangote não atrapalha. Olhe, eu vim avisar uma coisa a vocês. Dom Manuel quer ver esse espetáculo. Ele acha que isso é bom para o povo. Mas eu vou ficar de olhos em vocês, viu? Não quero ver nenhuma sem-vergonhice aqui. Nenhuma saiazinha levantada, viu, moça?

**Maria** - *Sim, senhor, seu Alferes.*

**Alferes Rolim** - *Onde já se viu? Uma moça de família, metida no meio dos homens, cantando e dançando? Isso não é coisa de moça séria, viu? Vá para casa arranjar uma lavagem de roupa.*

**Maria** - *Não estou fazendo nada de errado, seu Alferes. Tenho a permissão da minha família.*

**Alferes Rolim** - *Pois muito bem. Estão avisados. Não quero saber de sacanagem aqui. Quero tudo dentro do riscado. Mijou fora do caco, vai se ver comigo.*

Sai pisando duro acompanhado dos dois soldados.

**Maria** - *Que filho da puta.*

**José** - *Metido a machão.*

**João** - *Só é valente com uma arma na mão.*

**Antônio** - *Não respeita o sonho dos outros.*

**Pedro** - *Um dia encontra alguém mais valente que ele.*

**Maria** - *É, deixa esse merda para lá. Cadê o diretor?*

Entra Matias Carlos.

**Matias Carlos** - *Vamos começar, gente. Maria você está porta do casebre e acena para José, que vai para o mar com os outros pescadores. Vocês aí, fingem que estão empurrando uma jangada, vamos lá!*

*Me to a linguagem*

Encenam uma alegoria da peça em forma de mímica. Depois saem todos e ficam Maria e José.

*Montam o  
uma peça*

**Maria** - *Você estava ótimo hoje.*

*dentro de  
uma peça.*

**José** - *Você também. Não sabia que cantava tão bem.*

**Maria** - *Aprendi com minha mãe. Ela cantava modinhas para me fazer dormir. Tanta coisa bonita.*

**José** - *Maria, tem tanta coisa bonita na cultura potiguar e quase ninguém sabe disso.*

**Maria** - *É, mas um dia vão saber. E aí vão aprender a valorizar isso.*

**José** - *(Pausa) Se nosso teatro der certo e a gente começar a ganhar algum dinheiro... Será que eu podia levar você na Confeitaria?*

**Maria** - *Na Confeitaria? Fazer o quê, homem de Deus?*

**José** - *Tomar um sorvete, ver a banda tocar marchinhas no coreto da praça.*

**Maria** - *Mas a banda só toca no domingo, dia de trabalho para nós.*

**José** - *É mesmo, então vamos fingir que está escutando a bandinha tocar.*

**Maria** - *José.*

**José** - *Ahn?*

**Maria** - *Se você quer me beijar, não precisa me*

*dar um sorvete.*

**José** - *É?*

**Maria** - *É.*

*Beijam-se.*

**José** - *Se tudo der certo, quero me casar com você.*

**Maria** - *Tudo vai dar certo, José.*

**José** - *Será? Essa peça, você acha que o povo vai gostar?*

**Maria** - *O povo vai, mas a elite não. Eles não costumam gostar da mesma coisa.*

*Ante o povo x  
onte erubido.*

**José** - *Os pobres sempre arranjam um jeito de se divertir e mostrar que também conhecem a beleza.*

**Maria** - *Basta ver as danças, as cores das roupas, o ritmo das músicas. Tanta alegria e tanta festa com tão pouco.*

**José** - Um dia vão botar isso nos livros para as crianças não esquecerem, Maria. *Fo lelore*

**Maria** - E alguém vai fazer uma peça sobre isso. E vão repetir de geração a geração para que a beleza nunca se acabe.

**José** - Maria.

**Maria** - Sim?

**José** - Você me ama?

**Maria** - Muito.

**José** - Você nunca vai me deixar?

**Maria** - Nunca, nunca, jamais.

**José** - Então, vamos dançar.

Dançam ao som de uma marchinha de Felinto Lúcio Dantas.

*o Pesquisador*



## CENA 5

João, Antônio e Pedro sentados, na beira da praia de Areia Preta, sobre uma jangada, olham o mar.

**Antônio** - Vejam, tudo isso aqui será habitado um dia. Onde hoje vemos essas dunas e mato, serão casas. As pessoas vão morar aqui.

**Pedro** - Antônio, não seja tolo. Ninguém quer morar perto do mar. Só os pescadores querem morar aqui. Areia Preta é lugar de pescadores.

**Antônio** - Um dia muita gente vai morar onde os pescadores moram lá para as bandas de Ponta Negra.

**João** - Vige, naquelas lonjuras?

**Pedro** - Só se virarem caranguejo.

**Antônio** - *Muita gente vai morar na Redinha. Vai ter uma balsa transportando gente para lá e para cá.*

**Pedro** - *Ficou maluco, rapaz, Onde foi que tu viu isso?*

**Antônio** - *Num sonho.*

**Pedro** - *Coitado, está ficando lelé da cuca.*

**João** - *Será que vão querer morar em cima desse Morro de Mãe Luíza?*

**Pedro** - *Claro que não, né, João. Ninguém é doido.*

**Antônio** - *Como será Natal daqui a 150 anos?*

**Pedro** - *Não sei e tenho raiva de quem sabe.*

**Antônio** - *Manoel Dantas sabe.*

**João** - *E quem é esse Manoel Dantas?*

**Antônio** - *Um jornalista genial que vai fotografar a*

*cidade que ainda não existe.*

**Pedro** - *Tadinho, o miolo dele está ficando mole.*

**Antônio** - *Vai ter trem correndo por cima dessas dunas.*

**Pedro** - *É, endoidou de vez.*

**Antônio** - *Vai ter um balão parecido com um charuto sobrevoando o céu.*

**Pedro** - *Coitado, vamos internar.*

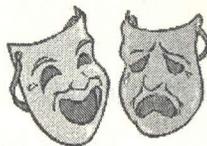
**Antônio** - *Vai ter um teatro no estilo francês, com camarotes para as autoridades, local para a orquestra e um jardim na frente com uma escultura de mulher.*

*Alberto  
M. S. R. N. S.*

**Pedro** - *Acho melhor a gente ir embora. Essa lua costuma fazer mal a quem não gira bem da bola.*

**Antônio** - *É, vamos fazer uma seresta lá no centro da cidade quem sabe a gente encontra José e Maria.*

Saem cantando modinhas.

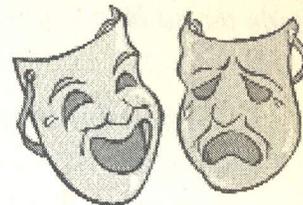


Fim do

At. 1 -> Construção do teatro de palha

ATO 2

-> 7 cena



CENA 1

Entra o Velho Faceta. Cenário mostra Natal com suas igrejas e casario antigo.

**Velho Faceta** - *Honorável público! Vejam de que forma as coisas acontecem. Um grupo de jovens e um Teatro de Palha. Quem disse que a vontade pode tudo, tinha razão. O teatro está no sangue da nossa gente. É só olhar ao redor para ver como tudo pode se transformar numa farsa. Vejam, por exemplo, a exuberância do Boi de Reis.*

Passa um grupo representando o Boi de Reis.

**Velho Faceta** - *Quanta alegria, cores e brilhos apenas com panos, espelhos, miçangas e papelão. Vejam, por exemplo, o ritmo dos Caboclinhos.*

Passa um grupo representando os Caboclinhos.

**Velho Faceta** - *E vejam também quanta beleza*

*pode ter na Nau Catarineta.*

Passa um grupo representando a Nau Catarineta.

**Velho Faceta** - *É disso que nasce o teatro, da força, da magia do povo. Vejam com tudo se transforma em beleza.*

Passa uma alegoria em forma de mímica. Os gestos dos atores são pontuados por instrumentos de uma banda de música. Um tipo de espetáculo medieval comum em apresentações de rua.

**Velho Faceta** - *E assim foi inaugurado o Teatro de Palha, com muita festa e fanfarra. Som de guizos e gargalhadas. E o choro das moças apaixonadas. Assim nasceu o teatro na Cidade do Natal.*

Sai o Velho Faceta.



## CENA 2

Gabinete do presidente da Província. O Alferes Rolim está sentado ao centro, com os pés sobre a mesa do presidente, ladeado por dois soldados.

**Alferes Rolim** - *Detesto essas pessoas alegres demais. Com tudo ficam se rindo, arreganhando os dentes, fazendo pilhérias. Odeio esses atores de teatro. Eles são a perturbação da ordem. Outro dia tive que prender um bando deles que fazia macacada aqui embaixo da janela do palácio.*

*Gritavam "alegria, alegria!!!" Para quê isso? Não vi alegria alguma naquilo. Nada de alegria. Queriam era criticar o governo. Mandeí cadeia neles, couro neles. Para aprender a respeitar as autoridades. Estão pensando o quê?*

*A gente precisa botar ordem nessa merda. Esse Dom Manuel é muito frouxo, cabra mole, pombão. Por mim eu baixava o cacete e deixava todo mundo bem quietinho em casa, fazendo suas orações, indo à missa aos domingos. Ora, negócio de divertimento. Divertimento de pobre é fazer menino. Um dia ainda sou presidente da Província.*

*Aí eu dou um jeito nisso. Acabo com esses Xarias e*

Canguleiros. Essa cambada de vagabundos. Mando um boca-  
do deles para o Cemitério do Alecrim. O restante eu alisto no  
Exército, na Milícia. Quero ver nêgo vir com negócio de pil-  
hérias, mascarados dando pinote, fazendo graça nas ruas...  
Meto a chibata pra cima. Não quero nem saber.

(Para os soldados)

De que é que vocês estão rindo? Tem algum palhaço  
aqui? Olha o respeito, rapaz!

Fica andando de um lado para o outro da sala,

**Alferes Rolim** - Preciso cuidar da vida. Tem  
uns cabras das Rocas dando trabalho lá na feira. Vou  
dar um jeito neles.

Sai.

**Soldado 1** - Esse Alferes Rolim é um reiêra.

**Soldado 2** - Um tremendo xexêro.

**Soldado 1** - Prisiaca.

**Soldado 2** - Folote.

**Soldado 1** - Cagado.

**Soldado 2** - Papangu.

**Soldado 1** - Fulêro.

**Soldado 2** - Timote.

**Soldado 1** - Piranguêro.

**Soldado 2** - Prejura.

**Soldado 1** - Cheio de pantim.

**Soldado 2** - Merecia uma pisa.

**Soldado 1** - Cabra de pêia.

**Soldado 2** - Merecia entrar num cu de burro.

**Soldado 1** - Pra se réiar todinho.

**Soldado 2** - Pra se pebar todinho.

**Soldado 1** - Mulestado.

**Soldado 2** - Inturido.

**Soldado 1** - Cuidado, vem vindo gente aí.

**Soldado 2** - Chiu.

Entram Dom Manuel e o Alferes Rolim.

**Dom Manuel** - Trago notícias terríveis, Rolim. O Brasil entrou em guerra contra o Paraguai. Precisamos de Voluntários da Pátria.

**Alferes Rolim** - Fique tranqüilo, Dom Manuel. Vou providenciar um bom lote de voluntários para vossa excelência.

**Dom Manuel** - Como assim, Alferes Rolim?

**Alferes Rolim** - Ora, excelência. As cadeias estão lotadas e eu ainda posso passar o rodo aí pelas ruas da cidade. Tem muito vagabundo solto.

**Dom Manuel** - Cuide para que tudo pareça estar dentro da legalidade. Não quero problemas com os Deputados.

**Alferes Rolim** - Pode deixar, excelência, eu sou cuidadoso. Vou botar a tropa de prontidão. Todo mundo vai fazer parte deste grande esforço pela pátria. Vou usar até esses boas vidas de sua guarda pessoas, se vossa excelência me permite.

**Dom Manuel** - Fique à vontade.

Saem Dom Manuel e o Alferes Rolim. Ficam os dois soldados.

**Soldado 1** - Tamos réiados.

**Soldado 2** - Fodidos e mal pagos.



**CENA 3**

Teatro de Palha. Os atores trabalham nos figurinos para o próximo espetáculo. Vão encenar Luís de Camões, uma peça baseada em trechos de Os Lusíadas.

**Matias Carlos** - *Maria, quero que você capriche no papel da Bela Inês. Esta peça vai consolidar a situação do nosso teatro. Mais uma temporada de casa cheia e já podemos sonhar com um teatro de alvenaria.*

**Maria** - *Que é isso, Matias. Ainda é cedo para sonhar com isso.*

**Matias Carlos** - *Nunca é cedo ou tarde para sonhar.*

**Antônio** - *Eu sonhei com um teatro esplêndido que vai ser construído na Ribeira.*

**Pedro** - *Lá vem ele de novo. Hoje é dia de lua cheia.*

**José** - *Antônio, meu querido, a Ribeira é um pântano, um charco. Ali nunca será construído nada. Só os pobres agüentam viver naquele lugar.*

**Antônio** - *Vocês vão ver, vocês vão ver...*

**João** - *Teatro é coisa de gente pobre. A gente faz de qualquer jeito.*

**Matias Carlos** - *Mas os ricos adoram assistir.*

**Maria** - *Ai, um palco todo iluminado. Platéia nas cadeiras, nos camarotes, nas frisas. A música tocando. Os aplausos: o verdadeiro lucro do ator. Parece um sonho. Natal um dia terá tudo isso.*

**Pedro** - *Ih, Maria entrou na onda de Antônio.*

**José** - *Não, Pedro, ela tem razão. Não se vive sem um sonho. A gente acorda todo dia e levanta para o trabalho, porque temos sempre um novo sonho a realizar.*

**Matias Carlos** - *Essa é a nossa razão de viver.*

**João** - *Mas, por enquanto, temos que cuidar do nosso teatrinho de palha, aqui. Ele é que nos dá o sustento e essa é nossa razão para continuar vivos.*

**Matias Carlos** - João tem razão. Temos que caprichar desta vez. Vem muita gente nos assistir. Até de Macaíba.

**Matias Carlos** - Um dia, os poetas vão cantar este Teatro de Palha.

**Maria** - E nós seremos eternamente lembrados.

**Antônio** - Nossos nomes se transformarão em estrelas.

**João** - Gente, gente. Esperem um pouco. Tenho um segredo para contar.

**Todos** - (Silêncio).

**João** - Nossos queridos amigos, José e Maria estão noivos, sabiam?

**Todos** - (Festa geral, sorrisos e abraços).

**Matias Carlos** - Então tenho uma surpresa para vocês.  
(Pausa)  
Eles já haviam me contado e pediram que o casa-

Cosamento no barracão  
mento fosse aqui mesmo no nosso barracão. de palha

**Antônio** - Então vamos preparar um festão.

**Matias Carlos** - Já providenciei o padre. Está tudo organizado. Vai ser uma grande festa.

Saem todos se abraçando e comentando a novidade.



**CENA 4** -> Cosamento

Voltam todos. Atores adornam o teatro para o casamento.

**Pedro** - Eu jamais iria imaginar que Maria e José estavam namorando. Como foi que você descobriu, João?

**João** - Um dia voltei para pegar uma roupa que eu tinha esquecido e eles estavam dançando no maior silêncio. Imagina? Aí eles me contaram tudo.

**Antônio** - *Eu sonhei com isso.*

**Pedro** - *Lá vai de novo...*

**João** - *Espere, Pedro, deixe ele contar.*

**Antônio** - *Eu estava deitado na areia da praia de Areia Preta, quando peguei no sono. Estava uma noite daquelas, com a lua bem cheia lá no céu. A brisa que vinha do mar, fazia um barulho oco sobre as dunas. Tudo tão bonito! Parecia a felicidade...*

**Pedro** - *E aí, e aí?*

**Antônio** - *Então, no sonho, eu vi José e Maria dançando ao som de uma marchinha de Felinto Lúcio Dantas. Era domingo, mas nesse dia, estranhamente, nós não estávamos trabalhando no teatro. Eles dançavam, dançavam, dançavam... e depois se beijavam. Fiquei emocionado.*

**Pedro** - *Esse Antônio é um casamenteiro, mesmo.*

**Antônio** - *Aí eu acordei e estava na hora de voltar*

*para casa. Voltei flutuando como se pisasse em nuvens.*

**Pedro** - *É um aluado.*

Entra Matias Carlos vestido de padre.

**Pedro** - *Ei, espere, você disse que tinha providenciado o padre e coisa e tal. O que é isso agora?*

**Matias Carlos** - *Exatamente, disse que tinha providenciado. Está tudo certo. Vai ser assim mesmo.*

**Pedro** - *Mas isso é uma farsa!*

**Matias Carlos** - *Querido, Pedro. A vida é uma farsa.*

**João** - *E não é ilegal?*

**Matias Carlos** - *Nada é ilegal quando se ama, João.*

**Antônio** - *Então vamos terminar de arrumar tudo. Os noivos já estão chegando.*

Eles se fantasiavam de matutos se preparando para uma Quadrilha. Entram José e Maria seguidos dos convidados.

**Maria** - *Estamos prontos.*

**José** - *Pode nos casar, padre.*

É representada a cerimônia de um casamento como se fosse uma Quadrilha tradicional ao som de música junina (música *Acenderam a Fogueira*, de Jackson do Pandeiro). Depois todos saem e ficam os noivos.

**Maria** - *Queria que todos os dias fossem assim como este.*

**José** - *Pra gente dançar e cantar até cansar.*

**Maria** - *Brincar feito criança.*

**José** - *Lembrar de nossa infância.*

**Maria** - *As pessoas esquecem que a tradição é que nos prepara a chegada do futuro.*

**José** - *E esquecem as formas antigas de brincadeiras ao pé da fogueira.*

**Maria** - *Porque anseiam o futuro.*

**José** - *E fazem coisas que envelhecem rápido.*

**Maria** - *Por isso vivem tão tristes.*

**José** - *Por isso vivem tão sós.*



## CENA 5

Rolim - Rolim  
Cora - Alto

Feira das Rocas. Entram o Alferes Rolim e dois soldados.

**Alferes Rolim** - *Vamos circular no meio dessa gente até achar um bêbado que nos sirva de voluntário. Já mandamos um bocados deles para o Paraguai. Bucha de canhão.*

**Soldado 1** - *Dá licença, seu Alferes.*

**Alferes Rolim** - *Que é que tu quer, cabra.*

**Soldado 1** - *Ouvi dizer que tem um sujeito lá pras bandas de Areia Branca, num sabe? Um tal de Chico Gomes...*

**Alferes Rolim** - *O que é que tem?*

**Soldado 1** - *Esse tal de Chico Gomes, quando pega uma volante de nós levando gente para a guerra, desce o rêio. Diz que não vai entregar agricultor bom de braço para o plantio para virar bucha de canhão.*

**Alferes Rolim** - *Deixa ele vir aqui na Capital pra eu dar uma lição nesse cabra.*

**Soldado 2** - *Por que o sinhô não vai lá, e pega ele?*

**Alferes Rolim** - *O que você disse, cabra? Tá me desrespeitando? Vai pro xilindró.*

**Soldado 2** - *Não, seu Alferes, eu só disse que ele é*

*que não tinha coragem de vir aqui... enfrentar o sinhô.*

**Alferes Rolim** - *Paga vinte!*

O soldado solta o fuzil e faz algumas flexões.

**Soldado 2** - *Ai, ai, tá bom, meu Alferes. Tô acabado.*

**Alferes Rolim** - *Tá bom. Sentido, soldado. Olhe o respeito.*

**Soldado 2** - *Sim, senhor, meu Alferes, Deus salve o imperador!*

**Alferes Rolim** - *Cabra frouxo, molenga, moleirão, babaquara, pombão, atoleimado!*

**Soldado 2** - *Ai, meu Deus, eu tô chumbado.*

**Soldado 1** - *Se ajeite, homem, assim tu acaba apanhando. Seu Alferes, o senhor sabe da mais nova?*

**Alferes Rolim** - *Não sei de novidade nenhuma,*

não senhor.

**Soldado 1** - *Estão boatando por aí que os atores fizeram um casamento de mentirinha. Tem um casal deles amancebado.*

**Alferes Rolim** - *Que história é essa, rapaz. Isso é contra a lei. É concubinato.*

**Soldado 1** - *Pois dizem que foi.*

**Alferes Rolim** - *Cuido disso depois. Vamos em frente. Vamos ver se eu pego um desocupado aqui pra mandar pra guerra.*

Um homem pede esmola no canto.

**Mendigo** - *Uma esmolinha, pelo amor de Deus.*

**Alferes Rolim** - *Por que tu tá pedindo esmola, hein, traste ruim?*

**Mendigo** - *É a seca, meu General.*

**Alferes Rolim** - *Se ajeite, cabra. Não sou General não. Sou Alferes... E você está preso.*

**Mendigo** - *Preso? Mas o que foi que eu fiz?*

**Alferes Rolim** - *Está vagabundando, perturbando a ordem pública.*

**Mendigo** - *Vixe, minha nossa senhora. E agora? Como é que vou sustentar minha família?*

**Alferes Rolim** - *Sua família agora é o glorioso Exército Imperial. Vai vestir farda, levantar com o toque da corneta, ter três refeições por dia e morrer pela pátria. Levante-se homem. Soldados, vamos levar este cabra para o quartel.*

**Soldado 1** - *Sim, senhor Alferes.*

**Soldado 2** - *Sim, senhor Alferes.*

Saem arrastando o mendigo.



## CENA 6

Gabinete do presidente da Província. Dom Manuel sentado em sua mesa ao centro ladeado por dois soldados. Entra o Alferes Rolim.

**Dom Manuel** - *Qual é o caso agora?*

**Alferes Rolim** - *Dizem que os atores realizaram um casamento ilegal.*

**Dom Manuel** - *Isso não pode. Não permito libertinagem na minha Província. Resolva isso logo.*

**Alferes Rolim** - *Agora mesmo, excelência.*

Rolim bate continência e sai com os dois soldados.



## CENA 7

Teatro de Palha. Atores encenam a peça Luís de Camões. Maria deitada em uma pedra feito morta. Os outros ao redor.

**Pedro** - *“Passada esta tão próspera vitória”.*

**Antônio** - *“Tornando Afonso à lusitana terra”.*

**João** - *“A se lograr da paz com tanta glória”.*

**José** - *“Quanta soube ganhar na dura guerra”.*

**Matias Carlos** - *“O caso triste e digno da memória”.*

**Pedro** - *“Que do sepulcro os homens desenterra”.*

**Antônio** - *“Aconteceu da mísera e mesquinha”.*

**João** - *“Que depois de ser morta foi Rainha”.*

**José** - *"Estavas, linda Inês, posta em sossego"*.

**Matias Carlos** - *"De teus anos colhendo doce fruto"*.

**Pedro** - *"Naquele engano da alma, ledado e cego"*.

**Antônio** - *"Que a Fortuna não deixa durar muito"*.

**João** - *"Nos saudosos campos do Mondego"*.

**José** - *"De teus formosos olhos nunca enxuto"*.

**Matias Carlos** - *"Aos montes ensinando e às ervinhas"*.

**Pedro** - *"O nome que no peito escrito tinhas"*.

Entram o Alferes Rolim com os dois soldados.

**Alferes Rolim** - *Vamos parar com essa bandalheira!*

**Matias Carlos** - *Mas o que é isso? O senhor está atrapalhando a peça.*

**Alferes Rolim** - *Que peça que nada. Ouvi dizer que isso aqui está virando um bordel. Tá havendo até casamento sem a presença do Juiz de Paz. Que é que vocês tão pensando? Vão tudo pra cadeia, cambada de vagabundos.*

**João** - (Para Matias Carlos) *Eu perguntei se era ilegal.*

**Matias Carlos** - *Calma, João isso é pretexto para fechar nosso teatro.*

**Pedro** - *Ele sempre quis um motivo para nos pegar.*

**José** - *Ele sente prazer em estragar as coisas.*

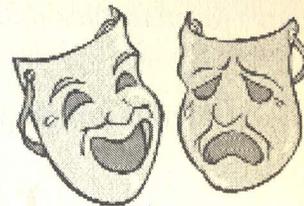
**Antônio** - *Será lembrado por isso.*

**Alferes Rolim** - *Podem parar com essa lenga-lenga. Vão todos para a cadeia. Agora é com a Justiça!*

A confusão se instaura. Os atores são levados presos.

*Termino com os res  
presos por causa de casamento  
ilegal.*

ATO 3 *Final*



CENA 1

Entra o Velho Faceta. O cenário mostra a cidade com sua igreja e casario e o Teatro de Palha que começa a pegar fogo.

**Velho Faceta** - *E assim, distinto público, nossa história vai chegando a um termo. Depois da brutal violência contra a liberdade, o Teatro de Palha foi misteriosamente incendiado. Novos atores foram surgindo e a cada vez que um Teatro de Palha fazia sucesso, mais uma vez era queimado. E sempre, feito a ave Fênix, da Mitologia Grega, novos teatros surgiam das cinzas para mais um espetáculo. Os atores que começaram tudo isso foram mandados para a Guerra do Paraguai, só escapando Matias Carlos, por causa da condição social e Maria, por ser mulher.*

*trágico*

(Pausa)

*A cidade ficou triste e raramente se via uma manifestação popular. Os tambores silenciaram, os estandartes, as máscaras, os guizos foram guardados esperando um novo tempo. Pelos terreiros ainda podia-se ouvir um grupo ou*

outro fazendo suas danças primitivas, como o Coco Zambê.

Passa um grupo representando o Coco Zambê.

**Velho Faceta** - O teatro em Natal sempre morreu e ressurgiu quando menos se esperava.

Sai o Velho Faceta.



### CENA 2

Maria sentada no meio de um cenário em ruínas sob o som de uma missa de Felinto Lúcio Dantas.



### CENA 3

Os atores vestidos de soldados lutam na Guerra do

Paraguai como se representassem uma peça em forma de mímica ao som marcial de um tambor e um tarol.



### CENA 4

Maria sentada na Pedra do Rosário olha para o Rio Potengi. Entra Matias Carlos.

**Matias Carlos** - *Maria, como estão as coisas?*

**Maria** - *Como Deus quer, Matias Carlos.*

**Matias Carlos** - *Trago notícias boas e ruins para você.*

**Maria** - *Primeiro as ruins.*

**Matias Carlos** - *Os rapazes morreram na guerra.*

**Maria** - *Eu já esperava por isso. E as boas?*

**Matias Carlos** - *José escapou.*

**Maria** - *Meu Deus do céu! E onde ele está agora?*

**Matias Carlos** - *Chegando no próximo navio.*

**Maria** - *Graças a meu bom Deus. Ele ouviu minhas preces.*

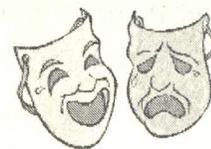
**Matias Carlos** - *É, Maria, ouviu em termos... os rapazes...*

**Maria** - *João, Pedro e Antônio, estejam no céu onde estiverem.*

**Matias Carlos** - *Olha, Maria, tenho uns projetos, sabe? Quando José chegar, vamos construir um novo teatro. Agora que seja um de alvenaria. Fiz minhas economias e acho...*

**Maria** - *Não vamos falar nisso agora. Meu coração não cabe mais tanta esperança. Vamos, vamos nos preparar para receber o nosso José.*

Saem.



## CENA 5

Gabinete do presidente da Província. Dom Manuel está sentado ao centro em uma mesa ladeado por dois soldados. Entra o Alferes Rolim.

**Dom Manuel** - *Alferes Rolim, tenho más notícias.*

**Alferes Rolim** - *Elas sempre chegam, excelência.*

**Dom Manuel** - *Fui transferido para a Província de Sergipe. E veja bem, isto é uma promoção, não estou caindo em desgraça.*

**Alferes Rolim** - *Com certeza, excelência.*

**Dom Manuel** - *Mas tenho aqui uma ordem de exonerar o senhor do cargo.*

**Alferes Rolim** - *Exonerar, como assim exonerar? Depois de tudo que fiz para você e o Imperador?*

**Dom Manuel** - *Olhe o respeito, Rolim. Mantenha a compostura.*

**Alferes Rolim** - *Perdão excelência. Saí do sério.*

**Dom Manuel** - *Você andou cometendo muito excessos durante o recrutamento. Depois eu soube de uns boatos sobre suas incursões noturnas aos bordéis...*

**Alferes Rolim** - *(Olhando com fúria para os soldados) Quem foi esse dedo-duro, quem foi? Diga excelência, que quero comer os ovos dele fritos.*

**Dom Manuel** - *O povo, Alferes Rolim, o povo. Não se pode esconder nada do povo por muito tempo.*

**Alferes Rolim** - *(Desabando) Ó, meu Deus, o que será de mim. Tantos inimigos que fiz... e agora no olho da rua...*

**Dom Manuel** - *(Enfadado) Ora, Rolim, tem muita*

*coisa para se fazer quando se sai da ativa. Aprenda a ser feirante, faça alguma coisa homem de Deus, mas não manche meu tapete com suas lágrimas. Vamos, vamos.*

O Alferes Rolim sai cabisbaixo. Depois sai Dom Manuel.

**Soldado 1** - *Agora ele se reiô.*

**Soldado 2** - *Lascou-se.*

**Soldado 1** - *Caixão.*

**Soldado 2** - *E vela preta.*

Saem os dois soldados.



## CENA 6

Cais do Porto. Maria espera José ao lado de Matias

Carlos. Entra José. Abraçam-se.

**Maria** - *Pensei que o tempo não fosse passar nunca.*

**José** - *Cada minuto era um século.*

**Maria** - *Mas agora você está aqui.*

**José** - *Mas deixei meus irmãos por lá.*

**Maria** - *Eles estão no céu.*

**Matias Carlos** - *José, meu caro, seja bem-vindo.*

**José** - *Como vão as coisas por aqui? E o teatro?*

**Matias Carlos** - *Depois que queimaram vários teatros de palha, estamos meio parados, sem saber o que fazer.*

**José** - *Vamos começar tudo de novo. Fazer outro teatro, montar novas peças. João, Pedro e Antônio não morreram em vão.*

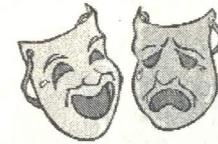
**Matias Carlos** - *Não, eles nunca morrerão.*

**Maria** - *Vamos fazer o maior espetáculo já visto nesta cidade.*

**José** - *Vamos, sim!*

**Matias Carlos** - *Isso! Assim é que eu gosto.*

Saem abraçados.



## CENA 7

Entra o Velho Faceta. Cenário nu.

**Velho Faceta** - *Depois de tudo, surgiu em Natal um governador que amava as artes. Seu nome era Alberto Maranhão. Seu maior sonho era construir um teatro que levasse o nome do grande maestro Carlos Gomes. Ele lutou, arrecadou dinheiro, venceu resistências e construiu uma*

*pérola da arquitetura do século 19. Um lindo teatro que surgiu em plena Ribeira, aquele lugar que se dizia não servir para construir nada... Pois bem. Esse teatro já viu grandes glórias e grandes fracassos. Muitos atores passaram por ele, muitos músicos e cantores. Este teatro ficará para sempre no coração dos que amam a arte de representar.*

Passa um grupo representando uma alegoria, com elementos do teatro, pierrôs, colombinas, cangaceiros, matutos, palhaços, malabaristas, etc. Desce cenário com a fachada do Teatro Alberto Maranhão ao som de uma fanfarra.



### **CENA 8**

No mesmo cenário entram Maria, José e Matias Carlos.

**Maria** - *O sonho de Antônio foi realizado.*

**José** - *Vejam, aquela estrela, é Antônio sorrindo, lá no céu.*

**Matias Carlos** - *Pedro está dizendo a ele que pare de maluquice.*

**José** - *E João tentando apaziguar os dois.*

Entram o Alferes Rolim em uma cadeira de rodas empurrada pelos dois soldados. Estão esfarrapados, parecem mendigos.

**Alferes Rolim** - *Uma esmolinha, pelo amor de Deus.*

**Soldado 1** - *Ele levou uma pisa daquelas dos cabras das Rocas.*

**Soldado 2** - *Estava reparigando.*

**Alferes Rolim** - (Olhando ao redor) *Ei, o que é isso aqui?*

**Soldado 1** - *O novo teatro construído pelo Governador.*

**Soldado 2** - *A gente não tem dinheiro para entrar aí.*

**Soldado 1** - *Se fosse como no tempo do Teatro de Palha...*

**Soldado 2** - *É, bons tempos aqueles...*

**Alferes Rolim** - *Vamos embora, me tirem daqui. Isso é lugar de Satanás.*

**Soldado 1** - *Tá bom, vamos levar você para aquele pastor que prometeu fazer você andar.*

**Soldado 2** - *Se você pagar uma boa quantia...*

**Soldado 1** - *Prometeu também um lugarzinho no céu para você.*

**Soldado 2** - *Esse aqui só tem lugar no inferno.*

Saem os mendigos.

**Matias Carlos** - *Que figuras estranhas.*

**Maria** - *Pareciam ser o Alferes e aqueles dois*

*soldados, não?*

**José** - *Que nada, eram só uns mendigos.*

Saem.



## CENA 9

Os atores João, Pedro e Antônio no céu.

**João** - *Olha, olha, lá. Aqueles não são Maria, José e Matias Carlos?*

**Antônio** - *É, são eles, sim.*

**Pedro** - *Os dois estão ficando malucos, agora.*

**João** - *Parecem felizes.*

**Antônio** - *Eles não perderam a capacidade de*

sonhar, João.

**Pedro** - Muitos perdem.

**Antônio** - Bem que meu sonho estava certo. O teatro de pedra foi construído.

**Pedro** - Não estou vendo teatro algum.

**João** - Está sim, Pedro. Olha a estátua que eles botaram na entrada.

**Antônio** - Deve ser uma homenagem a Maria. Não, a todas as mulheres que fazem teatro.

**João** - Quando eles vierem para o céu, vamos fazer teatro juntos, novamente.

**Pedro** - Só se eu ficar maluco também.

**Antônio** - Deixa de onda, Pedro, você é o mais apaixonado de todos pelo teatro. Até quando morreu segurando aquela bandeira do Império.

**Pedro** - Era a bandeira do Brasil.

**João** - Dá no mesmo. Você é teatral em tudo.

**Antônio** - Só espero que os atores que vão trabalhar neste novo teatro não sofram censura, violência ou qualquer tipo de atitude que impeça seu trabalho.

**Pedro** - Vai sonhando...

**Antônio** - Isso só o futuro dirá.

**João** - O futuro a Deus pertence.

O céu se enche de nuvens e eles saem.



## CENA 10

Entra o Velho Faceta. O cenário é a fachada do Teatro Alberto Maranhão.

**Velho Faceta** - Os anos passaram e a cidade foi mudando. O historiador Câmara Cascudo conta que chegou a ver Maria, bem velhinha, indo assistir a peças teatrais, sem ser reconhecida pelas pessoas. Em seus olhos, ele viu um brilho estranho. Como se um palco iluminado ainda vivesse ali. Esta peça é uma homenagem a Maria Epifânia, a primeira atriz de Natal. E também um tributo a Matias Carlos Vasconcelos, o primeiro organizador de um grupo de teatro que se tem notícia na cidade. Esta peça é dedicada a todos aqueles que amam o teatro. Boa noite a todos. Voltem sempre.

FIM

17 espedros

## COLEÇÃO JOÃO NICODEMOS DE LIMA

1. ÉCRAN NATALENSE  
Anchieta Fernandes (esgotado)
2. POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE  
Ezequiel Wanderley (esgotado)
3. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO  
Coleção (esgotado)
4. A "CACIMBA DO PADRE" EM  
FERNANDO DE NORONHA.  
Luís da C. Cascudo (esgotado)
5. NATAL DAQUI A CINQUENTA ANOS  
Manoel Dantas (esgotado)
6. A HISTÓRIA DE ESTREMOZ  
Ir. A. Maria Dionice da Silva  
(esgotado)
7. A IMPRENSA PERIÓDICA NO RIO  
GRANDE DO NORTE  
Luís Fernandes
8. GUIA DOS SEBOS DE NATAL &  
TEXTOS AFINS  
Abimael Silva
9. EVOCAÇÃO DE NATAL  
Djalma Maranhão (esgotado)
10. CASCUDO, MESTRE DO FOLCLORE  
BRASILEIRO  
Djalma Maranhão
11. CAICÓ  
Pe. Eymard L'E. Monteiro
12. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO  
Coleção II  
Luís da Câmara Cascudo
13. CIDADE DO NATAL  
Luís da Câmara Cascudo
14. ACORDES DA ALVORADA  
Salete Fernandes Tavares
15. ALMANAK DE MACAU / 1909  
Adalberto Amorim
16. CACHORRO MAGRO  
Carlos de Souza
17. COSTUMES LOCAIS  
Eloy de Souza
18. OS AMERICANOS EM NATAL  
Lenine Pinto
19. MEMORIAL DO MEU VELHO ASSU  
Maria do Perpétuo Socorro Wanderley  
de Castro
20. CARTAS DE DRUMMOND A ZILA  
MAMEDE  
Org. Graça Aquino
21. ANOTAÇÕES DO MEU CADERNO  
Ticiano Duarte
22. IGREJA E POLÍTICA NO RN  
Org. Ilza Araújo Leão de Andrade
23. JASMIN DO SOBRADINHO  
Org. Roberto da Silva
24. MEMÓRIAS QUASE LÍRICAS DE UM  
EX-VENDEDOR DE CAVACO CHINÊS  
Inácio Magalhães de Sena
25. O MITO DA FUNDAÇÃO DE NATAL E A  
CONSTRUÇÃO DA CIDADE MODERNA  
SEGUNDO MANOEL DANTAS  
Pedro de Lima
26. VIVA A VERVE! - Histórias de humor  
e devaneios  
Armando Negreiros
27. ITACIRICA, A PEDRA QUE PENSAVA  
Waldson Pinheiro
28. A ÚLTIMA CEIA - Por uma Diet(ética)  
Polifônica  
Vera Lucia Pinto
29. DA FIDELIDADE E DO RISCO - Um  
estudo de caso: Djalma Maranhão  
Moacy de Góes
30. COM AS MÃOS DO CORAÇÃO  
Padre Fábio
31. LITERATURA FEMININA DO RIO  
GRANDE DO NORTE  
Diva Maria Cunha P. de Macêdo

- Constância Lima Duarte
32. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO  
Carlos Lyra
33. O FOGO DA PEDREIRA  
Orlando Rodrigues
34. A MAÇONARIA NO RIO GRANDE DO NORTE  
Emídio Fagundes  
João Estevam  
Josué Silva
35. OS TERCETOS - E UM CANTO AS VOZES DO MAR  
Gilberto Avelino
36. ... E LÁ FORA SE FALAVA EM LIBERDADE  
Ubirajara Macêdo
37. CÂNCER — Reflexões de um sobrevivente  
Paulo Tarcísio Cavalcanti
38. HOMENS DE OUTR'ORA  
Manoel Dantas
39. OS ELEMENTOS DO CAOS  
Miguel Cirilo
40. FRUTOS DO TEMPO  
Valério Mesquita
41. CONFIDÊNCIAS  
Francisco Fernandes Marinho
42. YINTIMIDADES  
Vera Lúcia Pinto  
Raquel Almeida
43. A TRAMA DA ARANHA  
Anchella Monte
44. A REFORMA POLÍTICA NO BRASIL E OUTROS ENSAIOS  
Homero de Oliveira Costa
45. A CANÇÃO E O ABSURDO REVISITADOS  
João Batista de M. Neto
46. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO II  
Carlos Lyra
47. CAMINHADA SE FAZ AO CAMINHAR COM LIBERDADE  
Hélio Xavier de Vasconcelos
48. DESCOORDEDADAS CARTESIANAS -
- Em Três Ensaios de Quase Filosofia  
Pablo Capistrano
49. TIGRESCRISTURA  
Alessandre de Lia
50. PAPO JERIMUM - Dicionário rimado de termos populares  
Cleudo Freire
51. PASSOS DA MINHA VIDA (Memórias)  
Leopoldina Marinho da Costa
52. MINHAS OITENTAS PRIMAVERAS  
Maria Segunda Marinho
53. A COLEÇÃO JOSÉ GONÇALVES  
Org. Lenine Pinto
54. ODONTOLOGIA: OFICIO E LITERATURA  
Lenilson Carvalho
55. EU CONHECI SESYOM  
Francisco Amorim
56. RETRETA POÉTICA  
Manuel de Azevedo
57. SESSENTA POEMAS DE AMOR E UMA ESTÓRIA  
Carlos Newton Pinto
58. DORMÊNCIA  
Lisbeth Lima de Oliveira
59. NAVIO ENTRE ESPADAS  
Horácio Paiva
60. SALVADOS - LIVROS E AUTORES NORTE-RIO-GRANDENSES  
Manoel Onofre Jr.
61. TESTEMUNHOS  
Carlos Roberto de Miranda Gomes - Organizador
62. A FALSA SIMETRIA  
Vicente Vitoriano
63. FAMÍLIAS SERIDOENSES  
José Augusto
64. ESTUDOS PERNAMBUCANOS  
Alfredo de Carvalho
65. A FIGURA DE DON JUAN NA TRADIÇÃO  
Otto Rank  
Trad. Aurélio Pinheiro
66. SUPERSTIÇÕES DE SÃO JOÃO
- Veríssimo de Melo
67. PEIDO, O TRAQUE... PUM (O VALOR QUE O PEIDO TEM)  
Celso da Silveira  
José de Souza
68. O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ (QUADRINHOS)  
Emanuel Amaral  
Alicides Sales
69. 69 POEMAS DE CHICO DOIDO DE CAICÓ  
Moacyr Cirne  
Nei Leandro de Castro
70. ESTADOS DO VERSO  
Cid Augusto
71. UMA CÂMARA VÊ CASCUDO  
Carlos Lyra
72. OS DANTAS CORRÊA E OS RIBEIRO DANTAS  
Paulo M. Assis Brazil
73. NOMES DA TERRA  
Luiz da Câmara Cascudo
74. LUIS, TOUJOURS LUI - Cartas de Câmara Cascudo a Bernard Alléguède  
Roberto da Silva
75. EX-LIBRIS DE FALVES  
Falves Silva
76. O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS - Volume VII  
Luis da Câmara Cascudo
77. BANDO - Nº 9/10 - 1959 - Edição Especial Euclides da Cunha  
Raimundo Nonato  
Hélio Galvão  
Manoel Rodrigues de Melo  
Veríssimo de Melo  
Luis Patriota  
João Alves de Melo
78. FULÔ DO MATO  
Renato Caldas
79. PADRE JOÃO MARIA  
Januário Cicco
80. CARTAS PARA FAUSTA - Renato Caldas
- Org.: Ivan Pinheiro e Gilvan Lopes
81. FULÔ DO MATO - INÉDITO - 1937  
Renato Caldas
82. O POETAS DAS MELODIAS SELVAGENS  
Renato Caldas
83. BODAS DE OURO DA ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO MONSENHOR HONÓRIO DA SILVEIRA
84. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE  
Marlene da Silva Mariz  
Luiz Eduardo Brandão Suassuna
85. POR UM HUMANISMO INTEGRAL  
Claudio Emerenciano
86. GÊNESE NATALENSE  
Olavo de Medeiros Filho
87. DE CADA PORO UM POEMA  
Antoniél Campos
88. DOTÔ, CASA COMIGO?  
Ruben G. Nunes
89. SER PARDAL  
Gilmar Amorim
90. HUMOR COM GOSTO DE SAL  
Getúlio Teixeira
91. FALO  
Paulo Augusto
92. DEPOIMENTO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO  
Murilo Melo Filho
93. NUNCA MATEI NINGUÉM  
Carlos Lyra
94. NATAL QUE EU VI  
Lauro Pinto
95. MEMÓRIA VIVA - LAURO PINTO  
Carlos Lyra
96. APOSTASIA  
Mário César Rasec
97. DISCURSO DE ELOGIO AO PATRONO DA CADEIRA Nº 34 - Dr. EZEQUIEL EPAMINONDAS DA FONSECA FILHOS - PELO ACADÊMICO FERNANDO EZEQUIEL FONSECA  
Fernando Ezequiel Fonseca

98. O MEL DO BENQUERÊ  
Francois Silvestre
99. DAS TERRAS DE UMARIZAL  
Maria de Lourdes Costa do Nascimento
100. CONTISTAS POTIGUARES  
Org. Manoel Onofre Jr.
101. EU E NATAL  
Abimael Silva
102. A CIDADE E O TRAMPOLIM  
João Wilson Mendes Melo
103. PEQUENA ANTOLOGIA DO HUMOR NATALENSE  
Verissimo de Melo
104. DICIONÁRIO JURÍDICO EM RIMAS LIVRES  
Ana Heloísa Rodrigues Maux
105. PERSONAGENS SERRANEGRENSES  
Pery Lamartine
106. POTENGI - FLUXOS DO RIO SALGADO NO SÉCULO XIX  
Wagner do Nascimento Rodrigues
107. UM GENTLEMAN DO SERTÃO  
Manoel Onofre Jr.
108. O SERTÃO DE NUNCA MAIS  
Oswaldo Lamartine de Faria  
Vicente Serejo
109. A VIA LACTEA - 1914  
Palmira Wanderley  
Carolina Wanderley
110. PROF. AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA  
Vitória dos Santos Costa
111. CINEMA, CINEMA - OS FILMES DOS MEUS SONHOS  
Moacyr Cirne
112. CANTIGAS DE UM BARDO SERRANO  
Manoel Azevedo
113. QUEM BRINCA EM SERVIÇO - TEXTOS DE HUMOR  
José de Castro
114. PEDAÇOS DA VIDA  
Uraquitan Lopes de Souza
115. POEMAS  
Antônio José Marinho
116. MEDITAÇÕES POÉTICAS - TEXTOS DIVERSOS  
Jorge Oliveira de Almeida
117. JEANS AVARIADO  
Antonio Ronaldo
118. CINZAS AO AMANHECER - POEMAS - TEXTOS  
Bené Chaves
119. VERSOS SACÂNICOS  
José Pedrosa
120. ACONTECIMENTOS DE UM INTERNATO  
José Augusto Ribeiro
121. LIVRO DE ADVINHAÇÕES  
Pe. Eymard L'E. Monteiro
122. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO  
Coleção 01 - 54
123. CARNAVAIS E OUTROS POEMAS  
Janduhi
124. ANTÔNIO MARTINS, TERRA DA BOA ESPERANÇA  
Chagas Cristóvão
125. COMO SE HYGIENIZARIA NATAL  
Dr. Januario Cicco
126. O CANGULEIRO  
Coleção 01 - 06
127. OMBUDSMAN MOSSOROENSE  
David Leite
128. LUZES, SOMBRAS E MAGIAS  
Moacyr Cirne
129. ROMANCE DA CIDADE DO NATAL  
Nei Leandro de Castro
130. AUGUSTO SEVERO - UM PIONEIRO NA CONQUISTA DO ESPAÇO  
Pesq. Fernando Hippolyto da Costa
131. SEM PAISAGEM - MEMÓRIAS DA PRISÃO  
Moacyr de Góes
132. A FILHA DO TEMPO  
Moacyr de Góes
133. UMARIZAL - SÍNTESE HISTÓRICA E BIOGRÁFICA  
Manoel Onofre Jr.
134. CINE LEMBRANÇAS  
Berilo Wanderley
135. CÂMARA CASCUDO EM PORTUGAL E O "I CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE FOLCLORE"  
Francisco Fernandes Marinho
136. ALGUMAS ABELHAS DOS SERTÕES DO SERIDÓ (Notas de carregação)  
Oswaldo Lamartine de Faria  
Hypérides Lamartine
137. PRELIMINARES À DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA  
Garibaldi Tinôco
138. BAIXA-VERDE - FATOS, "CAUSOS" E COISAS  
Aldo Torquato  
Francisco Fernandes Marinho
139. A INVENÇÃO DE CAICÓ  
Moacyr Cirne
140. CAICÓ CEM ANOS ATRÁS  
Olavo de Medeiros Filho
141. DIÁRIO NÁUTICO  
Gilberto Avelino
142. RESSONÂNCIA  
Sônia Maria Fernandes Ferreira
143. O SEGREDO DE HERVAL E OUTROS CONTOS  
Carlos Lins Onofre
144. COISAS DE MIM...  
Graziela Costa Fonseca
145. JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO - DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA  
Dr. Floro Bartolomeu
146. ALUÍZIO ALVES: populismo e modernização no Rio Grande do Norte  
Sérgio Luiz Bezerra Trindade
147. ESQUINA DA TAVARES DE LIRA COM A DR. BARATA  
Cláudio Galvão
148. FELICE  
Lisbeth Lima de Oliveira
149. FLÔRES DO SERIDÓ - RETRATO POÉTICO DE CILIM  
Austregécilio Cruz
150. GLOSA GLOSARUM  
Celso da Silveira
151. ASAS E VÔO - POEMAS  
Francisco de Assis Câmara
152. MEMÓRIAS PROVINCIANAS  
Valério Mesquita
153. MANOEL ONOFRE JÚNIOR - 40 anos de Vida Literária - 1964/2004  
Francisco Fernandes Marinho
154. FLAMA SERENA - Cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho  
Org. Roberto da Silva
155. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE  
Sérgio Luiz Bezerra Trindade  
José Geraldo de Albuquerque
156. OS FRANCESES NO RIO GRANDE DO NORTE  
Bernard Alléguede  
Org. Roberto da Silva
157. BIBLIOTECAS VIVAS DO RIO GRANDE DO NORTE  
Lívio Oliveira
158. LUZES, SOMBRAS E MAGIAS  
Moacyr Cirne
159. HISTÓRIA FATOS E FOTOS  
José de Anchieta Ferreira
160. TELHA CRUA  
Lívio Oliveira
161. MARTINS A CIDADE E A SERRA  
Manoel Onofre Jr.
162. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE - 2ª edição revisada  
Marlene da Silva Mariz  
Luís Eduardo B. Suassuna
163. MOTO MENTAL  
Oto Maia
164. A PENÚLTIMA VERSÃO DO SERIDÓ  
Uma história do regionalismo seridoense  
Muirakytan K. de Macêdo
165. A ESCRITA DOS QUADRINHOS  
Moacyr Cirne
166. OS REVOLTOSOS EM SÃO MIGUEL

- (1926)  
Raimundo Nonato
167. A VIDA EM CLAVE DE DÓ - 2ª edição  
revista e ampliada  
Zenaide Almeida Costa
168. OS AMERICANOS EM NATAL  
Lenine Pinto
169. DA INCRIMINAÇÃO DO ABORTO E O  
SEU JULGAMENTO PELO JUIZ  
SINGULAR  
Francisco de Assis Brasil Queiroz e  
Silva
170. DE VOLTA AO CASTELO DO GRAAL  
Osório Almeida de Oliveira
171. CORONÉIS DO SERIDÓ  
Pery Lamartine
172. PAPO JERIMUM - Dicionário rimado  
de termos populares - 2ª edição  
Cleudo Freire
173. ALMANAQUE DO BALAIO  
Moacy Cirne
174. TEMAS ROUBADOS  
Anchella Monte
175. O CAÇADOR DE JANDAÍRAS  
Manoel Onofre Jr.
176. POETAS AZUIS, PAIXÕES VERMELHAS,  
AMORES AMARELOS  
Jóis Alberto
177. DE CASCUDO PARA OSWALDO  
Oswaldo Lamartine de Faria
178. GERAÇÃO DOS MAUS  
José Humberto Dutra
179. A HISTÓRIA DE UM CRIME HEDIONDO  
José Helmut Cândido
180. SAUDADES DO MEU MÉDICO  
Joana Darc Wanderley
181. POEMAS DEVASSOS E UMA CANÇÃO  
DE AMOR  
Nathália de Sousa
182. O EXÍLIO DAS PALAVRAS  
Ivan Maciel de Andrade
183. CONFIDÊNCIAS  
Francisco Fernandes Marinho
184. SILÊNCIO, MAR: A POESIA DE ZILA  
MAMEDE NOS ANOS 50  
Alexandre Alves
185. NOTURNO DE TOUROS  
Nilson Patriota
186. O CARTEIRO DE CASCUDINHO  
José Helmut Cândido
187. TEMPORADA DE INGÊNIOS E  
OUTROS  
João Batista de Morais Neto
- 188 - NATAL DE ONTEM  
P. de A. Pessoa de Melo
- 189 - GARRAFAS DE AREIA DO TIBAU  
Vérissimo de Melo
- 190 - LAMPIÃO NA FAZENDA VENEZA  
Raul Fernandes
- 191 - ULTIMATOS DE LAMPIÃO E RESPOS-  
TAS DE RODOLFO FERNANDES  
Raul Fernandes
- 192 - MEMÓRIAS DE UM EX-PRESIDENTE  
Humberto Pignataro
- 193 - Câmara Cascudo  
José Luiz Silva
- 194 - OS BRUTOS  
José Bezerra Gomes
- 195 - SIMPLEMENTE HUMANO  
Manoel Onofre Jr.
- 196 - A REVOLUÇÃO DE 30 EM SERRA  
NEGRA  
R. Nonato
- 197 - O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ  
ATRAVÉS DO ROMANCEIRO POPULAR  
Vérissimo de Melo
- 198 - LORIVAL LUCENA  
Nilo Lorival Ferreira
- 199 - GARIMPANDO A LUZ  
Jancen Leiros
- 200 - TROVAS, GLOSAS E OUTROS  
VERSOS  
Nilo Lourival Ferreira
- 201 - PERFIS  
Francisco Avelino dos Santos
- 202 - É TUDO FOGO DE PALHA  
Carlos de Souza